

Ucrânia e Rússia trocam acusações de violar trégua



Pessoas tentam atravessar ponte destruída para deixar a cidade de Irpin, próxima à capital Kiev. Aris Messinis/AFP

Ucrânia acusa Rússia de desrespeitar cessar-fogo e adia retirada de civis

Moscou, por sua vez, afirma que nacionalistas ucranianos interromperam trégua parcial no país

SÃO PAULO Autoridades russas e ucranianas trocaram acusações neste sábado (5) em torno do não cumprimento do acordo de cessar-fogo parcial na Ucrânia. Mais cedo, Moscou disse que interromperia ataques para estabelecer os chamados corredores humanitários e permitir a fuga de civis. O desrespeito ao período de trégua fez a Ucrânia adiar o plano para a retirada de pessoas nas cidades de Mariupol e Volnovakha, no sudeste do país. Em meio à troca de acusações, autoridades ucranianas afirmam que as negociações com Moscou para a saída de civis continuam. O pacto entrou em vigor, em tese, às 10h no horário de Moscou (4h em Brasília) e incluía somente Mariupol e Volnovakha, que estão cercadas pelas forças russas. Ainda pela manhã, entretanto, o Legislativo de Mariupol acusou as tropas russas de não respeitar o prometido e, mais tarde, a prefeitura da cidade pediu aos moradores que retornassem aos abrigos "por razões de segurança". Em Volnovakha, a retirada de civis também foi frustrada. De acordo com a ministra para Territórios Ocupados, Irina

Vereshchuk, a região foi alvo de bombardeios que impediram o deslocamento dos civis. "Apelamos à Rússia para que acabe com bombardeio e devolva o cessar-fogo para que crianças, mulheres e idosos possam deixar os assentamentos", disse Vereshchuk, segundo o jornal Pravda da Ucrânia. Moscou, por sua vez, diz que o acordo não foi cumprido pelos ucranianos. Em conversa televisada com a funcionária da companhia aérea Aeroflot, o presidente russo, Vladimir Putin, negou que forças do país tenham interrompido o cessar-fogo. Putin acusou "bandidos e neonazistas ucranianos" de impedir as pessoas de sair. "Estamos em negociação", disse sobre as conversas das delegações russa e ucraniana que ocorreram na Belarus, com uma terceira rodada a ser realizada em breve. Mikhail Mizintsev, chefe do Centro de Comando de Defesa Nacional da Rússia, reforçou a posição do líder russo e disse que trégua foi interrompida por "nacionalistas ucranianos". "Posições das Forças Armadas russas foram bombardeadas em Mariupol e houve disparos contínuos em Volnovakha", disse Mizintsev. "Um prédio residencial foi explodido em Mariupol e até 200 pessoas podem estar sob os escombros, incluindo idosos e crianças". Ele disse ainda que a Rússia cumpriu todas as condições estabelecidas para o cessar-fogo e que as Forças Armadas ucranianas aproveitaram a pausa para se reagrupar. O governo ucraniano pretendia auxiliar a retirada de cerca de 200 mil pessoas em Mariupol e de outras 15 mil em Volnovakha. Ainda não há informações sobre quantas conseguiram deixar as cidades. Segundo a RIA, agência russa de notícias, os civis teriam cinco horas para cruzar os corredores. Considerada estratégica por Moscou, Mariupol é uma cidade portuária no sudeste da Ucrânia localizada a 150 km de Rostov-do-Don, a principal cidade do sul da Rússia. Ela foi atacada desde o primeiro dia da guerra e é um porto importante no mar de Azov, uma divisão secundária do mar Negro. A cidade também é considerada o último ponto de resistência a evitar o estabelecimento de uma ponte terrestre unindo Rostov à Crimeia, anexada em 2014 por Putin. Rússia e Ucrânia haviam concordado em estabelecer os corredores humanitários na quinta (3), durante encontro de delegações dos dois países para negociações na Belarus. Neste sábado, apesar das trocas de acusações, o conselheiro do Ministério do Interior ucraniano, Anton Heraschenko, disse que mais acordos devem ser estabelecidos para a implementação de novas rotas de saída. O movimento pode facilitar a eventual ocupação militar de áreas e favorecer o plano presumido do presidente Putin de remover regiões da soberania ucraniana. Embora a Rússia tenha anunciado o cessar-fogo parcial, forças de Moscou continuaram com suas ofensivas sobre Kiev. Autoridades pediram que os moradores da capital permaneçam em abrigos e alertaram para o risco de confrontos nas ruas da cidade. Em Bucha, perto da capital, tropas russas foram acusadas de abrir fogo contra veículo de civis. Duas pessoas teriam morrido no ataque, incluindo uma adolescente, e outras quatro teriam sido feridas. Autoridades da cidade de Borodianska, na região de Kiev, informaram que tropas russas assumiram o controle de um hospital psiquiátrico, que abriga 670 pacientes. "Eles estão ficando sem água e remédios. São pessoas que precisam de ajuda constante, muitas das quais acamadas há anos", disse Oleks Kuleba, líder da região. Ele disse não saber o que poderá ser feito para a retirada dos pacientes. As tropas de Putin também ocuparam o prédio da Câmara Municipal de Enerhodar, cidade onde fica a usina de Zaporizhka, que tinha sido tomada pelos russos na sexta (4).

Décimo dia de incursões da Rússia sobre a Ucrânia

- Reivindicado por separatistas, mas sob domínio ucraniano
Sob domínio dos separatistas russos étnicos e agora reconhecidas por Moscou
Ocupado por tropas russas
Ataques relacionados
Incursões militares russas relacionadas
Cidades seriam palco de corredores humanitários para retirada de civis, mas autoridades relataram que bombardeios russos continuam
Maior usina nuclear da Europa



Fontes: BBC, Graphic News, The New York Times e Google Earth

Putin diz haver risco de Ucrânia perder status de Estado

SÃO PAULO Em encontro com lideranças políticas neste sábado (5), o presidente da Rússia, Vladimir Putin, afirmou que há risco de a Ucrânia perder seu status de Estado. "A liderança atual precisa entender que, se continuar fazendo o que está fazendo, põe em risco o futuro do Estado ucraniano", disse Putin, em uma fala que soa como uma ameaça velada de anexação do território do país vizinho pela Rússia. Também neste sábado, o presidente russo afirmou que o objetivo declarado de desmilitarizar a Ucrânia passa por "destruir parcialmente as forças" do país vizinho, notadamente seu poder aéreo. "Isso leva um determinado período", disse. "Eu ouvi muitas pessoas falarem que a operação estava com problemas. Isso não é verdade", afirmou, durante um coreografado encontro com funcionários da empresa aérea estatal Aeroflot em Moscou. É a segunda vez que ele fala sobre o tema: havia dito em pronunciamento na TV que a invasão corria "de acordo com o plano". Se está passando recibo ou dizendo a verdade, ninguém saberá. Os relatos de dificuldades de avanço das forças russas, devido a erros táticos como a dispersão inicial de forças, além de questões logísticas com linhas de suprimentos, avolumam-se entre analistas ocidentais — os seus colegas russos estão hoje em maratona de comentários, dada a censura no país. De todo modo, a ideia se encaixa em diversos cenários da meta do Kremlin com a ação. Desde a mais benigna, uma tentativa de forçar um acordo que retire de vez áreas russófilas do controle de Kiev e obtenha uma garantia formal de não adesão do rival à Otan, aliança militar ocidental. Ou até a ocupação do país. Ele também voltou a dizer que assanções ocidentais contra a Rússia são equiparáveis a uma escalada militar. "As sanções que estão sendo impostas são semelhantes a uma declaração de guerra, mas graças a Deus não chegamos a isso", disse, completando que elas são "uma ameaça para todos". Repetiu o argumento de que colocou suas forças nucleares em alerta no domingo passado (27) porque políticos de países da Otan, como o premiê britânico Boris Johnson, haviam dado declarações belicosas contra a Rússia e afirmou que está preparado para as sanções. No seu primeiro comentário sobre a negativa da Otan em tentar estabelecer uma zona de exclusão aérea sobre a Ucrânia, pedido do governo sob ataque, Putin disse que a medida seria catastrófica. "Isso teria consequências catastróficas para a Europa, e o Ocidente entendeu isso. Acho que foi o caminho mais acertado", disse o presidente russo. Tal medida implicaria fazer a Otan lutar contra a Rússia, inevitavelmente.

mente seu poder aéreo. "Isso leva um determinado período", disse. "Eu ouvi muitas pessoas falarem que a operação estava com problemas. Isso não é verdade", afirmou, durante um coreografado encontro com funcionários da empresa aérea estatal Aeroflot em Moscou. É a segunda vez que ele fala sobre o tema: havia dito em pronunciamento na TV que a invasão corria "de acordo com o plano". Se está passando recibo ou dizendo a verdade, ninguém saberá. Os relatos de dificuldades de avanço das forças russas, devido a erros táticos como a dispersão inicial de forças, além de questões logísticas com linhas de suprimentos, avolumam-se entre analistas ocidentais — os seus colegas russos estão hoje em maratona de comentários, dada a censura no país. De todo modo, a ideia se encaixa em diversos cenários da meta do Kremlin com a ação. Desde a mais benigna, uma tentativa de forçar um acordo que retire de vez áreas russófilas do controle de Kiev e obtenha uma garantia formal de não adesão do rival à Otan, aliança militar ocidental. Ou até a ocupação do país. Ele também voltou a dizer que assanções ocidentais contra a Rússia são equiparáveis a uma escalada militar. "As sanções que estão sendo impostas são semelhantes a uma declaração de guerra, mas graças a Deus não chegamos a isso", disse, completando que elas são "uma ameaça para todos". Repetiu o argumento de que colocou suas forças nucleares em alerta no domingo passado (27) porque políticos de países da Otan, como o premiê britânico Boris Johnson, haviam dado declarações belicosas contra a Rússia e afirmou que está preparado para as sanções. No seu primeiro comentário sobre a negativa da Otan em tentar estabelecer uma zona de exclusão aérea sobre a Ucrânia, pedido do governo sob ataque, Putin disse que a medida seria catastrófica. "Isso teria consequências catastróficas para a Europa, e o Ocidente entendeu isso. Acho que foi o caminho mais acertado", disse o presidente russo. Tal medida implicaria fazer a Otan lutar contra a Rússia, inevitavelmente.

de, completando que elas são "uma ameaça para todos". Repetiu o argumento de que colocou suas forças nucleares em alerta no domingo passado (27) porque políticos de países da Otan, como o premiê britânico Boris Johnson, haviam dado declarações belicosas contra a Rússia e afirmou que está preparado para as sanções. No seu primeiro comentário sobre a negativa da Otan em tentar estabelecer uma zona de exclusão aérea sobre a Ucrânia, pedido do governo sob ataque, Putin disse que a medida seria catastrófica. "Isso teria consequências catastróficas para a Europa, e o Ocidente entendeu isso. Acho que foi o caminho mais acertado", disse o presidente russo. Tal medida implicaria fazer a Otan lutar contra a Rússia, inevitavelmente.



O líder russo, Vladimir Putin, durante entrevista com funcionários da Aeroflot, em Moscou. Mikhail Klimentiev/Sputnik/AFP

Chanceler russo, Lavrov foi de temido a boicotado na ONU

'Sr. Não' se tornou uma das principais faces da defesa da invasão da Ucrânia

Thiago Amâncio

SÃO PAULO "Você pode dançar com a Rússia e vai até tirar algo disso. Mas com certeza não consegue dançar tango com Lavrov, porque ele não tem autorização para tal", disse em 2017 Rex Tillerson, secretário de Estado americano no início do governo Donald Trump, sobre Serguei Lavrov.

Tamanha é a fidelidade do ministro das Relações Exteriores da Rússia a Vladimir Putin que é difícil arrancar qualquer coisa dele sem a anuência do presidente russo, afirmava Tillerson na ocasião.

É isso, afinal, o que segura Lavrov há quase 18 anos, desde que assumiu a diplomacia russa, em 2004 —para ter uma ideia, Tillerson foi só um dos sete secretários de Estado dos EUA a ocupar o posto no período do russo no cargo, de Colin Powell a Antony Blinken, passando por Hillary Clinton e Mike Pompeo.

Nas últimas cinco décadas como diplomata, primeiro pela União Soviética e depois pela Rússia, Lavrov conquistou respeito, poder e dinheiro — e tem visto isso derreter desde que se tornou o responsável por defender mundo afora a invasão russa da Ucrânia, iniciada no dia 24 de fevereiro.

O dinheiro, ao menos por enquanto, está congelado. Um dia depois do início da guerra, União Europeia, Estados Unidos, Reino Unido e Canadá aplicaram sanções contra Lavrov, bem como contra o próprio Putin, com o congelamento de bens —para os EUA, os dois estão proibidos também de viajar.

Mas o episódio mais simbólico desse momento de baixa ocorreu na segunda (28), com uma sequência de constrangimentos. O primeiro foi quando não embarcou para Genebra, para participar das reuniões do Conselho de Direitos Humanos da ONU e da Conferência sobre o Desarmamento, que discutiram a guerra.

Ao menos oficialmente, a viagem foi cancelada "devido a uma proibição sem precedentes de seu voo no espaço aéreo de uma série de países da União Europeia, que impuseram



Serguei Lavrov durante encontro em Genebra 21. Jan. 22/Miistério das Relações Exteriores da Rússia via Reuters

sanções contra a Rússia", afirmou a missão russa na ONU.

Segundo agências de notícias do país, o secretário-geral das Nações Unidas, o português António Guterres, até tentou negociar para que o emissário de Moscou pudesse realizar a viagem, sem sucesso.

Lavrov, então, discursou por meio de vídeos gravados previamente, nos quais denunciou a proibição da viagem, de acordo com ele usada por líderes europeus para "escapar de um diálogo cara a cara, o que eles claramente têm medo".

Mas ao fim pouca gente escutou as queixas do chanceler, já que, nos dois discursos, dezenas de diplomatas se levantaram e deixaram a sala enquanto as gravações eram exibidas, em protesto contra as ações russas na Ucrânia.

A cena era algo antes impensável para Lavrov, considerado um ás da diplomacia e que por mais de dez anos foi embaixador da Rússia nessa mesma ONU, de 1994 a 2004. O decano costumava ser conhecido como ótimo negociador e conversava bem com jornalistas de todo o mundo.

Mas a boa fama foi mudando com o passar dos anos, desde que ele assumiu o comando da diplomacia russa. Assim como o chefe, Lavrov tem retomado uma certa retórica de Guerra Fria e parece saudosos dos tempos em que a Rússia dava as cartas.

Na quarta (2), por exemplo, disse que uma Terceira Guerra Mundial envolveria armas nucleares e que "é preciso por um fim à arrogante filosofia do Ocidente de se achar superior". Falas assim se repetem com certa frequência.

Nascido em 1950 em Moscou, filho de pai armênio e mãe russa, o ministro é da mesma geração que Putin. Herdou o apelido de "sr. Não" (sr. não) do chanceler soviético Andrei Gromiko, que ocupou o posto por 28 anos. A brincadeira, disfarçada de crítica, é de que ele só sabe dizer "não" em negociações — e

assim tem acumulado vitórias diplomáticas para o Kremlin.

Uma delas foi após a anexação da Crimeia, em 2014. Embora a Rússia tenha sofrido algumas sanções e sido expulsa do G8, a atuação de Lavrov foi considerada bem-sucedida por ter evitado o completo isolamento de Moscou — a guerra atual deixou claro como a retaliação pode ir muito além, com sanções ao próprio presidente, por exemplo.

Além disso, a intervenção militar russa na guerra civil na Síria em apoio ao regime Bashar-al-Assad é considerada fundamental na manutenção do ditador no poder, mesmo sob oposição dos americanos.

Sua gestão também conseguiu angariar aliados de todos os espectros ideológicos para o Kremlin — do apoio explícito do ditador venezuelano Nicolás Maduro à simpatia do presidente brasileiro, Jair Bolsonaro (PL), que fala em manter "equilíbrio" no conflito.

Mas foi por costumes não muito diplomáticos que Lavrov se tornou pop dentro da Rússia, a ponto de hoje ser possível achar camisetas com seu rosto em lojas de souvenirs em Moscou e na internet.

Em 2008, teria usado palavras com o então secretário de Relações Exteriores do Reino Unido, David Miliband, numa discussão sobre quem deu início à guerra na Geórgia.

"Quem é você para querer me dar aula, porra?", teria dito. Numa época de ânimos menos acirrados, o parlavão em conversa diplomática de alto escalão pegou mal, e o Kremlin correu para se explicar.

Lavrov parece ter especial implicância com os britânicos e, no mês passado, duas semanas antes do começo da guerra na Ucrânia, armou uma espécie de pegadinha para a atual chefe da diplomacia do Reino Unido, Liz Truss.

Em reunião, perguntou se ela reconhecia a soberania russa em Rostov e Voronezh, que fazem parte da própria Rússia — não há qualquer questão diplomática envolvendo as regiões. Mas a diplomata caiu na armadilha e disse que não, que o Reino Unido não reconhecia a soberania russa naquelas áreas.

Foi o bastante para Lavrov ridicularizar a colega e dizer que o Ocidente não entende o conflito na Ucrânia. "Estou honestamente desapontado que tenhamos tido uma conversa entre um mundo e um surdo. Nossas explicações mais detalhadas caíram em solo despreparado", disse ele depois do encontro.



Você pode dançar com a Rússia e vai até tirar algo disso. Mas não consegue dançar tango com Lavrov, porque ele não tem autorização para tal

Rex Tillerson então secretário de Estado dos EUA, em 2017

Compadre de Putin na Ucrânia, oligarca é acusado de traição

Mayara Paixão

GUARULHOS Por anos, o oligarca Viktor Medvedchuk, 67, foi a principal ponte entre Vladimir Putin e a política de Kiev. O empresário de mídia e energia, 12ª pessoa mais rica da Ucrânia segundo a Forbes, teve — e tem — acesso direto ao presidente russo graças também a um relacionamento pessoal: são compadres.

Putin apadrinhou a caçula de Medvedchuk, Darina. Já foi visto na luxuosa mansão do oligarca e vice-versa. O que fez esse milionário ganhar projeção foi a postura pró-Moscou e anti-Ocidente, cada vez mais rara no país do Leste Europeu, mas central na agenda do líder russo.

Fosse outra época, Medvedchuk poderia ser apontado como aposta do Kremlin para assumir um governo fantoche em Kiev. Em meio à invasão russa da Ucrânia, porém, está isolado, na mira da Justiça e vendo seu partido, o Plataforma de Oposição, desidratar.

Medvedchuk entrou na mira do que analistas têm descrito como uma tentativa de desoiligarização ucraniana promovida por Volodimir Zelenski — movimento que estaria

mais ligado a acenos ao presidente dos EUA, Joe Biden, do que com uma agenda moral.

O empresário viu uma série de reverses recentemente: em fevereiro de 2021, ele e a esposa, Oksana, tiveram os bens congelados por três anos devido a suspeitas de que teriam se aproveitado do conflito na região do Donbass para lucrar vendendo carvão para Moscou. Também foi estatizado um oleoduto que, segundo Kiev, estaria ligado a ele — Medvedchuk nega.

Tres canais da rede do empresário também foram bloqueados para, disse Zelenski, "lutar contra o perigo de uma agressão russa na arena da informação" e "proteger a segurança nacional". Medvedchuk acusa o presidente de asfixiar a liberdade de imprensa. Por fim, em maio, sob a suspeita de que ele financiava separatistas, veio o decreto de prisão domiciliar. O oligarca foi indiciado sob acusação de traição.

O oligarca, porém, fugiu de sua casa, lugar designado para a prisão domiciliar, assim que a guerra estourou, disse o governo no dia 27. A defesa alega que ele apenas se dirigiu para um local mais seguro, fugindo de possíveis atos



Medvedchuk e Putin na Rússia 18. Jul. 19 / Kremlin via TASS

violentos de nacionalistas que rechaçam sua agenda pró-russa, mas não há notícias sobre seu paradeiro desde então.

Suas redes sociais estão em silêncio, só ecoando os assuntos que Medvedchuk tenta inserir no debate. No Twitter, no qual se descreve apenas como "político" — ele é membro do Rada, o Parlamento ucraniano —, intercalam-se cinco assuntos: pedidos de renúncia de Zelenski, o clamor por uma eleição legislativa antecipada, a defesa de que o país se afasta da Otan, a aliança militar ocidental, e argumentos favoráveis aos Acordos de Minsk.

Medvedchuk é próximo de Putin desde o início dos anos 2000, quando foi chefe de gabinete do presidente Leonid Kuchma. Mas seu protagonismo alçou outro patamar mais de uma década depois, em meio à queda do líder pró-Moscou Viktor Iushchenko.

Devido aos laços com o russo, ele serviu de elo diplomático entre Kiev e Moscou. Desse período, vangloria-se por ter libertado mais de 480 prisioneiros de guerra — a informação não pôde ser confirmada de forma independente.

Daí a defesa enfática que faz dos tratados que visavam

a um cessar-fogo para a crise de 2014, mas que nunca entraram plenamente em vigor nem colocaram fim às tensões.

Seu partido, o Plataforma de Oposição, repaginado em 2018 para concorrer às eleições, também tem como ponto central da agenda os Acordos de Minsk. Um porém à abordagem está no humor popular: em pesquisa do instituto Rating feita na Ucrânia no início de fevereiro, 75% dos respondentes disseram que é preciso revisar os tratados ou retirá-los de forma definitiva deles. Apenas 11% disseram conhecer bem a essência do texto.

"Os Acordos de Minsk são impopulares na sociedade ucraniana, pelo receio de que poderiam levar ao aumento da influência de Putin", diz Vicente Ferraro, mestre em ciência política pela Higher School of Economics de Moscou. "Com a diminuição das forças pró-Rússia no território [devido às autoproclamadas repúblicas do Donbass], a polarização diminuiu, e figuras como Medvedchuk perderam força."

O oligarca acusa Zelenski de inabilidade para enfrentar a crise e falta de traquejo político. O Plataforma de Oposição recebeu 13% dos votos

em 2019, conseguindo 43 dos 450 assentos do Rada e se tornando a maior força de oposição. Mas a legenda vem perdendo força. Sondagens nas semanas pré-guerra, em fevereiro, mostravam na com 8,5% das intenções de voto.

Medvedchuk fala com frequência da história em comum entre russos e ucranianos. Ao Financial Times, em 2017, questionado sobre se compartilhava com Putin a defesa de que ucranianos e russos são "um só povo", disse que já discutiu isso com o líder do Kremlin. "Somos dois povos, mas povos amigos e irmãos."

O amigo ucraniano de Putin nasceu em Abanski, hoje na Rússia. Formou-se em direito e atuou como advogado de dissidentes da antiga União Soviética — por que assim foi designado pelo regime.

Um desses casos ganhou projeção. Amigos e biógrafos do poeta Vasil Stus dizem que Medvedchuk não atuou para defendê-lo, mas para condená-lo a dez anos de galg. Num transição da audiência, então advogado diz considerá-lo correta a qualificação das ações do escritor feitas pelo júri. Medvedchuk nega ter agido para ajudar na condenação.

Austin B., 50
Nigeriano-ucraniano



- 28.fev** Kharkiv - Lviv (Ucrânia)
Viajou com a esposa e 4 filhos; demorou 2 dias para conseguir um táxi até a estação
- 1.mar** Lviv - Uzhhorod (Ucrânia)
- 2.mar** Uzhhorod - Chop (Ucrânia)
- 3.mar** Chop - Budapeste (Hungria)

Walther Lang, 47
Brasileiro



- 25.fev** Kiev - Yaremche (Ucrânia)
Demorou dois dias para conseguir um carro para levar ele e os 4 filhos à estação
- 26.fev** Yaremche - Lviv (Ucrânia)
- 27.fev** Lviv - Fronteira com a Polónia
Atravessou a fronteira em um ônibus humanitário enviado por artistas poloneses
- 28.fev** Fronteira - Varsóvia (Polónia)
- 2.mar** Varsóvia - Milão (Itália) - Lisboa (Portugal) - São Paulo (Brasil)

Tetiana Sukhoparova, 52
Cracóvia



- 23.fev** Kremenchuk - Krakovets (Ucrânia)
Caminhou 20 km até a fronteira
- 26.fev** Krakovets - Karczowa (Polónia)
- 26.fev** Karczowa - Cracóvia (Polónia)
- 1.mar** Cracóvia - Porto (Portugal)
Um amigo de seu genro enviou um avião privado para resgatá-la



O nigeriano-ucraniano Austin B., com a mulher e os quatro filhos em estação de trem de Budapeste. Fotos Otávio Almeida/Folhapress

Refugiados contam o que passaram para escapar da guerra na Ucrânia

Países vizinhos prepararam uma recepção calorosa a quem foge do conflito; o problema é chegar. Há estradas bloqueadas e bombardeios, e, nas fronteiras, congestionamentos e aglomerações levam a esperas de até dias sob frio intenso. Conheça histórias de quem conseguiu sair do país

Flávia Mantovani e Larissa Figueiredo
‘Doeu ver meus filhos sofrendo por algo que não entendiam’

AUSTIN B., 50
nigeriano-ucraniano
BUDAPESTE Nascido na Nigéria, Austin foi para a Ucrânia aos 23 anos estudar economia na região do Donbass, hoje ocupada pela Rússia. Acabou ficando, casou-se com uma ucraniana e teve com ela quatro filhos em Kharkiv, de onde saiu com destino a Budapeste.

“Temos vivido dias muito difíceis, especialmente por sermos uma família com quatro crianças. Para elas, foi uma viagem muito estressante. Não podíamos descansar, não havia água, lugar para dormir. Passamos dois dias tentando conseguir um táxi para nos levar, com nossos filhos e as malas, até a estação de trem. Não podíamos prever o que aconteceria no minuto seguinte. A qualquer momento poderíamos ser as próximas vítimas. Minhas crianças choravam o dia todo. Eu estava desesperado e com o coração partido, meus filhos sofrendo por algo que eles nem sequer conseguiam entender.

Apesar de tudo, considero que eu e minha família tivemos muita sorte. Pessoas estavam sendo mortas nas ruas. A situação é mais séria do que se vê no noticiário. Na mídia, não se pode mostrar todas as explosões, todos os sons. Nós, que vivemos tudo isso, sabemos que a situação é mais grave do que se pode imaginar. O projeto dessa guerra é uma destruição completa da Ucrânia. Eu realmente espero que as outras nações europeias e os EUA possam fazer algo a esse respeito. Agradeço a possibilidade de termos conseguido deixar nossa casa e entrar naquele trem. Estou muito feliz de podermos estar aqui hoje e que, mesmo dormindo no chão de uma estação de trem, minhas crianças se sintam livres para voltar a brincar.”

‘Só digeri tudo aquilo ao atravessar a fronteira’

WALTHER LANG, 47
brasileiro

SÃO PAULO Depois de passar uma noite em uma garagem em Kiev, Lang e a esposa ucraniana saíram da capital em um comboio de dez carros com amigos dela, rumo a uma região montanhosa. Ela decidiu ficar, e Walther voltou para o Brasil.

“Saímos do abrigo em um comboio basicamente de mulheres, pois os homens ucranianos não podem sair de Kiev. Só parávamos para abastecer, e mesmo assim foram mais de 25 horas de viagem, porque tinha muitos bloqueios, postos de controle, fomos pegando só vias secundárias. Agente foi em um carro com placa da Belarus e sempre éramos parados. Os policiais já chegavam com metralhadora à vista, faziam pegadinhas. Chegamos a uma estação de esquí, que funcionava normalmente, e em uma reunião decidimos o que fazer da vida, já que não existe mais trabalho, negócio, não existe nada. Minha esposa resolveu fi-

car com um grupo de amigas. Elas estão em um lugar protegido, onde não há nada estratégico. Para mim, um homem com um passaporte que não é tão comum, a situação iria ficar cada vez mais complicada. Decidi dar um tempo e monitorar a situação do Brasil.

Comprei uma passagem de trem até a Polónia, mas quando paramos em Lviv descobri que não existe mais o sistema ferroviário convencional. São só trens humanitários, que levam principalmente mulheres e crianças. Minha esposa descobriu um ônibus humanitário enviado por artistas poloneses. Vi um irlandês com a mulher chinesa e uma criança e os chamei para irem junto. Saímos correndo.

Enquanto esperávamos, ficamos dentro de um teatro. Parecia a Disney: era aquecido, tinha comida, chá quente, almofada. Alguém começou a tocar piano, todo mundo cantou músicas em ucraniano.

Como o ônibus tinha placas dizendo que era uma ação humanitária, chegou rápido. Tinha um rapaz russo com a gente, e na fronteira tiraram ele do ônibus, não sei que fim levou. Na saída da Ucrânia, o veículo quebrou e só voltou a andar após duas horas.

Quando atravessamos, comeci a digerir tudo. Chorei bastante, não conseguia me controlar. Quando você está lá, só pensa na próxima ação: ‘tenho que carregar o celular’, ‘não posso perder o trem...’

Fiquei na hospedaria de um brasileiro, que parecia um paraíso. Lá conheci uma mulher que passou dias perambulando com a filha de 12 anos e a mãe de 66, fugindo de ataques, correndo na neve com malas pesadas. Praticamente só há refugiadas mulheres.”

Continua na pág. A13



A estudante indiana Krishna Madhukumar

Continuação da pág. A12

'Paguei US\$ 1.000 numa passagem que custa US\$ 50'

TETIANA SUKHOPAROVA, 52
ucraniana

SÃO PAULO Moradora do leste ucraniano, Tetiana foi resgatada com a ajuda da filha, Alesya, que mora nos EUA, e do genro brasileiro, o influenciador Anderson Dias, que conseguiu um avião emprestado para buscá-la na Polónia. O jogador Lucas Rangel se dispôs a dar carona a Tetiana até a fronteira. Quem conta a história é Alesya.

"As tropas não chegaram na nossa cidade até agora, mas sem sirenes de bomba, as pessoas estão escondidas nos porões e bunkers. Mas isso pode mudar a qualquer momento. Minha mãe não queria sair, mas eu pedi a ela que o fizesse. Encontramos nas redes sociais um jogador de futebol brasileiro que iria dirigir até a fronteira com a Polónia e se dispôs a buscá-la. Eu liguei no meio da noite e disse: 'Desce, tem alguém esperando você'. Ela teve que arrumar uma mala em cinco minutos. O trajeto normalmente leva 14 horas, mas eles dirigiram por quase 24 horas. A guerra tinha acabado de começar. Mas, na fronteira, a fila estava tão grande que eles tiveram que abandonar o carro e andar 25 quilômetros, ela ficou com os pés ensanguentados. Quando chegaram tinha milhares de pessoas, sem controle, nenhuma fila, todo mundo em pânico. A temperatura era de 4°C e não havia lugares para se abrigar. Pensei que ia perder minha mãe, que tudo seria culpa minha. Falei para ela tentar entrar em um ônibus, oferecer dinheiro. Todos responderam 'não, não, não'. Consegui o número de alguém e ela acabou subindo em um ônibus. Paguei US\$ 1.000 por um bilhete que custa US\$ 50. Ela viajou no chão por várias horas, mas quando atravessou eu sabia que agora estava segura."

"Um professor ucraniano nos ajudou a conseguir dois táxis até a fronteira com a Eslováquia. Demoramos sete horas para conseguir passar, mas lá estava melhor do que na Polónia, ao menos deixavam passar estrangeiros, não apenas ucranianos. Por enquanto, nos deram duas semanas de férias da universidade. Vou voltar para o Equador, tomara que essa situação termine rápido. Pelo menos eu tenho um país que está me esperando. Mas e as pessoas ucranianas? O que elas vão fazer?"

'Brasileira se tornou minha bon samaritana'

DON-CALEB AKONJOM, 22
nigeriano

BUDAPESTE O modelo saiu de Kiev com a namorada ucraniana. Quando estavam desistindo de atravessar a fronteira, uma brasileira os viu e deu uma carona até a Hungria.

"Depois que começaram os ataques, passamos dois dias sem saber o que fazer, até que decidimos ir embora. Mas se locomover era difícil mesmo dentro de Kiev. As pessoas lutavam e se empurravam para entrar nos metrô e trens. Conseguimos ir até Lviv, de lá, um motorista nos levou até a fronteira com a Polónia. Pagamos US\$ 150 para percorrer um trecho curto. Ele nos deixou e precisamos andar por 35 quilômetros. Fazia 3°C, tivemos que parar para fazer fogueiras para nos aquecer. No caminho encontrei um amigo voltando do posto de controle. Ele me disse que esperou dois dias na fila e que havia gente há mais tempo. Minha namorada ficou comigo na fila de estrangeiros, que não andava. Decidimos sair de lá e caminhar de volta, para ver onde o vento nos levaria. Ai encontramos Clara, uma brasileira que entrou na Ucrânia para resgatar pessoas que não estava encontrando. Clara dirigiu com a gente ao longo do país, para acharmos uma forma de sair. Acabamos entrando pela Hungria, onde havia menos tráfego, e esperamos 16 horas. Eu e a chamo de boa samaritana, ela tomou conta da gente até o fim."

'Pelo menos tenho um país que está me esperando'

JOSELIN NAYELI, 19
equatoriana

SÃO PAULO A jovem vivia numa residência estudantil em Ivano-Frankivsk e saiu de lá com outros sete equatorianos. Primeira tentativa de errar, e eles tiveram que mudar o plano.

"A situação em Ivano-Frankivsk não estava tão perigosa, mas tinha filas nos caixas eletrônicos, os alimentos iam desaparecendo pouco a pouco. Eu estava no fim do mês, com pouco dinheiro, foi difícil achar alguém que nos levasse pelo que podíamos pagar. Muita gente estava disposta a ajudar, mas do outro lado da fronteira. O problema era chegar. Por pressão e estresse, não traçamos um bom plano. Tentamos passar pela Polónia e fomos de van, mas tivemos que caminhar 25 quilômetros até a fronteira. Saímos às 6h e chegamos às 13h. O clima não era nada favorável, começou a nevar. Procuramos a fila, mas só víamos gente amontoadada. Fecharam as portas, e algumas pessoas começaram a pular e a protestar. A fila não se mexia, o frio era demais e já eram 3h. Caminhamos meia hora até um abrigo e no dia seguinte decidimos voltar para casa. Dessa vez, iríamos tomar decisões com calma. Uma professora ucraniana nos ajudou a conseguir dois táxis até a fronteira com a Eslováquia. Demoramos sete horas para conseguir passar, mas lá estava melhor do que na Polónia, ao menos deixavam passar estrangeiros, não apenas ucranianos. Por enquanto, nos deram duas semanas de férias da universidade. Vou voltar para o Equador, tomara que essa situação termine rápido. Pelo menos eu tenho um país que está me esperando. Mas e as pessoas ucranianas? O que elas vão fazer?"

'Em um momento pensei que nunca conseguiria escapar'

KRISHNA MADHUKUMAR, 22
indiana

BUDAPESTE A estudante de medicina vivia num albergue em Khar'kiv. Após cinco dias vivendo no subsolo, ela e outras estudantes decidiram atravessar o país rumo à fronteira.

"Desde que o primeiro ataque a bombas atingiu Khar'kiv, no dia 24, eu e as outras estudantes, todas mulheres, fomos para o bunker do hotel onde morávamos. Não podíamos sair nunca às ruas, pois ouvíamos a todo instante os avisos de bombardeio e mísseis passando pelos ares. Dia após dia ficava cada vez mais complicado viver naquelas condições, com pouco acesso aos banheiros e passando muito tempo no escuro. Depois de cinco dias, decidimos sair dali. Todo mundo queria deixar a cidade, e estavam dando prioridade a ucranianos, retirando estudantes [internacionais] de dentro dos trens. Tivemos que pagar US\$ 200 para poder embarcar. Foi uma viagem muito arriscada. Felizmente, conseguimos chegar a Lviv, onde pegamos outro trem para chegar aqui em Budapeste, depois de quase quatro dias viajando. Posso contar tudo agora com mais calma, mas foi uma experiência potencialmente mortal. Em um momento pensamos que tudo estava acabado, que nunca conseguiríamos. Agora estamos à espera de que a embaixada indiana na Hungria nos receba, onde podemos conseguir alojamento. Também sabemos que teremos voos gratuitos para que retornemos à Índia."

Don-Caleb Akonjom, 22
Nigeriano



- 25.fev Kiev - Lviv (Ucrânia)
- 26.fev Lviv - Shehyni (Ucrânia) Caminhou 35 km até a fronteira
- 27.fev Shehyni - Uzhhorod (Ucrânia) Pegou carona com uma brasileira que entrou na Ucrânia para resgatar pessoas
- 27.fev Uzhhorod - Nyiregyháza (Hungria)
- 28.fev Nyiregyháza - Budapeste (Hungria)

Joselin Nayeli, 19
Equatoriana



- 24.fev Ivano - Frankivsk - Shehyni (Ucrânia) Caminhou 25 km a pé até a fronteira
- 26.fev Shehyni - Lviv (Ucrânia) Decidiu voltar porque não conseguiu atravessar
- 26.fev Lviv - Ivano-Frankivsk (Ucrânia)
- 28.fev Ivano-Frankivsk - Uzhhorod (Eslováquia)
- 1.mar Vysné Nemecké - Bratislava (Eslováquia) Atravessou a fronteira a pé

Krishna Madhukumar, 22
Indiana



- 28.fev Khar'kiv - Lviv (Ucrânia) O trem passou por várias cidades sob ataque
- 1.mar Lviv - Uzhhorod (Ucrânia)
- 2.mar Uzhhorod - Chop (Ucrânia)
- 2.mar Chop - Zahony (Hungria)
- 3.mar Zahony - Budapeste (Hungria)



A aposentada Otilia Koçowski em sua casa em Prudentópolis, no Paraná

'Ucrânia brasileira' coloca guerra até no currículo escolar

Cidade no Paraná tem 75% dos habitantes descendentes do país e se mobiliza para tentar receber refugiados

Andrea Torrente

PRUDENTÓPOLIS (PR) São 11,5 mil quilômetros de distância até Kiev, mas a guerra na Ucrânia foi sentida de modo particular numa cidade do interior paranaense. "O conflito teve um impacto muito grande na comunidade, as famílias estão sofrendo como se [os atingidos] fossem pessoas daqui", diz Leopoldo Volanin, 51, diretor de uma escola na zona rural de Prudentópolis. Na véspera do receso do Carnaval, já depois da invasão militar por Moscou, a instituição em que ele trabalha inseriu no currículo aulas sobre história e relações geopolíticas entre Rússia e Ucrânia. Os 480 estudantes do colégio estadual Padre José Orestes Preima acompanham as notícias do front também pelas redes sociais. "Se meus tataravós não tivessem vindo da Ucrânia, nós hoje estaríamos no meio da guerra", diz Helen Elisa Petel, 15, da quarta geração de descendentes de ucranianos no Brasil. Prudentópolis recebeu o apelido de Ucrânia brasileira porque 75% da população, de 52 mil habitantes, tem ascendência no país do Leste Europeu. A identificação fez com que o prefeito, Osnei Stadler (União Brasil), colocasse o município à disposição para receber refugiados — o Itamaraty oficializou na quinta (3) o protocolo para a emissão de vistos humanitários. "Vai ser um enriquecimento para todos nós", afirma o professor Volanin sobre a decisão do Executivo, dizendo que ele também está de portas abertas para receber eventuais estudantes que fugirem para o Brasil. A escola que ele dirige fica na colônia Esperança, a 15 quilômetros do centro, no meio de uma estrada de chão batido que corta bosques e lavouras. Ao longo da Linha Esperança moram cerca de cem famílias, quase todas com descendentes do país do Leste Europeu. Uma vez por semana, os alunos têm aula de língua ucraniana, e motivos que remetem à cultura de lá, como pêssegos (ovos pintados de mão, ofertados para proteger do mal e desejar bons votos) e figuras com traços típicos decoram os muros. As mangas dos uniformes têm azul e amarelo, cores da bandeira. Um letreiro na entrada do colégio exibe a expressão "bem-vindo" em cirílico, e em um painel no corredor os alunos escreveram "Aca-

bem com a guerra" e "Queremos paz" na língua do país. Estima-se que cerca de 600 mil descendentes de ucranianos vivam no Brasil, 80% dos quais no Paraná. Mais de 150 anos após as primeiras ondas migratórias, que remetem a 89%, a cultura eslava ainda predomina na região de Prudentópolis. "Quando chegamos, sentimos que estávamos na nossa terra, com as pessoas falando ucraniano. Claro que é uma situação diferente da atual, porque se passaram mais de cem anos [desde o começo da imigração], mas eles estão guardando nossa cultura, inclusive aspectos que lá já passaram", diz Vitalii Arshulik, 32. Ele é missionário da Primeira Igreja Batista e em 2017 trocou a cidade de Lusk, perto da fronteira com a Bielarus, pelo Paraná. Com a vida estabelecida, conta que avisou parentes e amigos que sua casa está de portas abertas para receber refugiados — ainda que saiba que as chances de isso acontecer são pequenas por enquanto. "Entre meus amigos e conhecidos, ninguém quer vir. Prefere fugir para países próximos, como Polónia, Moldova, Hungria e Alemanha. O preço da passagem para o Brasil é muito alto", diz. Seu irmão Mikhailo, dois irmãos e um primo já foram convocados para se alistarem no Exército, e o restante da família não quer abandoná-los. Neto de ucranianos, o professor André Schparyk, 39, tem primos espalhados pelo país europeu e também se diz disposto a abrigar eventuais refugiados. "A gente é brasileiro, nascido aqui, mas sentimo bastante. É nossa família. Para ir além das intenções, entidades civis e religiosas instituíram junto com a administração municipal na última quinta (3) uma comissão encarregada de conceber um plano concreto de ajuda humanitária aos refugiados, batizado de Humanitas Brasileira. O programa prevê a criação de um cadastro de pessoas e empresas dispostas a contribuir financeiramente ou a acolher imigrantes. "Existe a expectativa acerca da possível vinda de refugiados, e os trabalhos da comissão serão direcionados para a preparação da organização para esse acolhimento", informou a prefeitura, que alertou a população que toda ajuda será por meio da comissão, para prevenir ações golpistas. "Quando chegamos, a invasão russa veio pelos aparelhos de rádio e TV na colônia de Nova Galicia, a 8 quilômetros do centro de Prudentópolis. No povoado de cerca de 60 casas, habitadas principalmente por idosos, não há internet nem sinal de celular. Em uma modesta casa de madeira numa rua de saibro entre campos de madeira reflorestada, a aposentada Otilia Maria Koçowski, 78, conta ser bisneta dos ucranianos Anastasia e Basilio. "Toda noite coloco o rádio ao lado da cama, pego o terço e rezo pela paz", diz. Às vezes, ela tira o pé da gaita e toca músicas ucranianas que aprendeu na infância para alegrar o dia. "A vida ali parece ter parado no tempo. Na cozinha, o fogão é a lenha, e as paredes da sala estão decoradas com ícones religiosos e rúshneks, panos bordados que enfeitam os quadros, traços marcantes da cultura ucraniana. "As cores vivas são uma tradição dos imigrantes eslavos no Brasil, assim como paredes repletas de imagens de santos", afirma o arquiteto Fábio Domingos. Ainda há casas típicas preservadas nas áreas rurais, mas a medida que se dão os passos mais antigos desaparecem os imóveis do lugar a construções modernas. O aposentado Ambrosio Martiniuk, 78, neto de ucranianos, mora na rua de Otilia, em frente à pequena Igreja de São Miguel — um dos 43 templos do município em estilo bizantino, nos quais missas são celebradas em ucraniano e português. Como o padre aparece uma vez por mês, é a família dele que cuida do espaço. "Em toda parte rezam [pela paz], aqui também." A invasão russa despertou um sentimento de união na comunidade. Nos últimos dias, integrantes do grupo folclórico Vesselka e da Irmandade dos Cossacos têm realizado atos no local. "A Rússia quer negar a cultura, a religião e as ricas tradições dos ucranianos", disse Meron Mazur, bispo da Eparquia da Imaculada Conceição de Prudentópolis, em uma mensagem aos fiéis.



Zelenski pede ajuda aos EUA para obter aeronaves russas

Sábado é marcado por forte movimentação diplomática em torno do conflito

SÃO PAULO O presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, realizou uma reunião por vídeo com senadores dos Estados Unidos e pediu ajuda para conseguir caças a fim de reforçar a sua Força Aérea.

O líder ucraniano "fez um pedido desesperado para que países europeus providenciem aviões russos para a Ucrânia", disse Chuck Schumer, líder da maioria do Senado, sobre a reunião que aconteceu neste sábado (5).

"Farei tudo que eu puder para ajudar", completou o democrata, em um comunicado. Mais de 280 senadores estiveram presentes na conversa.

Não está claro, porém, como Washington poderia auxiliar na transferência dessas aeronaves russas, que teriam que vir de países europeus que já disponham delas.

O avião que Zelenski tem em mente é o MiG-29, que é operado por dois países da Otan (aliança militar do Ocidente), Polónia e Eslováquia, seus vizinhos. Antes da guerra, a Ucrânia tinha 37 desses modelos soviéticos, mais antigos do que as aeronaves em operação na Rússia.

A União Europeia já havia prometido financiar a entrega de caças para os ucranianos, mas a promessa esbarra em diversos desafios logísticos.

Mesmo que pilotos de Kiev busquem os aviões, o risco de eles serem abatidos ao entrar

no espaço aéreo é grande. Está fora de cogitação voarem com pessoal da Otan para não confrontar os russos diretamente e arriscar uma guerra maior. Então os aparelhos deveriam ser desmontados parcialmente e embarcados em caminhões, mas isso pode ser identificado pelos serviços de vigilância russos, sujeitando comboios a um ataque aéreo.

Não se sabe quantos aviões Zelenski já perdeu na campanha de Putin. O ucraniano tinha insistido em criar uma zona de exclusão aérea para tentar protegê-los de bombardeios, mas a Otan rejeitou a ideia pelo mesmo problema: não poderia fazê-lo sem enfrentar em combate os russos.

Na reunião com os senadores dos EUA, Zelenski voltou a pedir que seja implementada a área de exclusão aérea.

Senadores publicaram mensagens de apoio ao ucraniano após a conversa, como Marco Rubio e Lindsey Graham, ambos do partido Republicano.

O pacote incluiria um total de US\$ 10 bilhões (mais de R\$ 50 bilhões) em ajuda econômica, humanitária e de segurança para a Ucrânia.

No encontro com o secretário de Estado dos Estados Unidos, Antony Blinken, o chanceler ucraniano, Dmitro Kuleba, reiterou o pedido por aviões e também solicitou que seus aliados enviassem equipamento de defesa anti-aérea.

"Se eles continuarem a providenciar para nós as armas necessárias, o preço será menor. Isso salvará muitas vidas", afirmou Kuleba.

O front diplomático neste sábado (5) também foi marcado pela movimentação do primeiro-ministro de Israel, Naftali Bennett. Ele fez uma rodada de conversas com alguns dos líderes com papel central na guerra da Ucrânia. Presencialmente, em Moscou, encontrou-se com o russo Vladimir Putin. Depois, por telefone, falou com o ucraniano Volodimir Zelenski. Na se-

✚ Nova rodada de negociações será na segunda, diz Kiev

Os governos de Rússia e Ucrânia realizarão uma terceira rodada de negociações nesta segunda-feira (7), disse o negociador ucraniano David Arajamia em um post publicado no Facebook neste sábado (5). Na quinta (3), quando houve a segunda rodada, os dois lados do conflito tinham concordado em abrir corredores humanitários para permitir que civis saíssem de algumas zonas de combate. A iniciativa, como se pôde constatar neste sábado, não deu certo.

quência, voou para Berlim para se reunir com o alemão Olaf Scholz. Mais cedo, antes de ir à Rússia, Bennett havia conversado com o presidente francês, Emmanuel Macron.

Apesar de ser aliado dos EUA, ter condenado a invasão russa, expressado solidariedade a Kiev e enviado ajuda humanitária à Ucrânia, o governo de Israel afirmou que manterá as conversas com Moscou na esperança de ajudar a aliviar a crise.

Além disso, o país do Oriente Médio está atento ao apoio de Moscou ao ditador Bashar al-Assad na vizinha Síria, onde Israel ataca regularmente alvos militares iranianos. O contato com Moscou evita que forças russas e israelenses se ataquem por acidente.

Também neste sábado, a China voltou a pedir diálogo aos envolvidos no conflito. De acordo com o Ministério das Relações Exteriores do gigante asiático, o chanceler Wang Yi conversou com Blinken e reiterou que Kiev e Moscou precisam se engajar em um diálogo direto.

Segundo nota do ministério, o chanceler disse ao secretário de Estado dos EUA que qualquer resolução da guerra precisa atender os "interesses de segurança das duas partes", mas voltou a ressaltar o "impacto negativo da expansão da Otan em direção ao espaço de segurança da Rússia".



ESTÁTUAS SOB PROTEÇÃO

Voluntários embalaram com plástico e espuma obras públicas no centro histórico de Lviv, na região oeste da Ucrânia, como forma de protegê-las contra os bombardeios das tropas russas. Daniel Leal / AFP

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Página:** 10 a 14